

Babilónia n.º5
pp. 209 - 215

Il Mare, Il Mare



Il Mare, Il Mare

Rita Ciotta Neves

Professora e Investigadora na Universidade Lusófona

«The sea which lies before me as I write glows rather than sparkles in the bland May sunshine. With the tide turning, it leans quietly against the land, almost unflecked by ripples or by foam. Near to the horizon it is a luxurious purple, spotted with regular lines of emerald green. At the horizon it is indigo. »

Iris Murdoch

Com'è grande la dolcezza del mare e quel verde profondo dell'acqua che ci avvolge e il vento leggero che sa di primavera. Com'è bianca la sabbia e friabile la scogliera di terra gialla coperta dai gigli bianchi.

Mi prendevo le ginocchia tra le braccia, seduta alla finestra della casa e ascoltavo. Elisa e Laura, sedute per terra, leggevano. Ogni mattina veniva Anna e ci portava da mangiare, puliva, il fazzoletto scuro sui capelli, silenziosa. Annalisa, mi diceva, tu sei la più piccola e ce la puoi fare perché sei la più piccola. Tua madre ha sofferto tanto, quella vita d'inferno, ma ora vedi se riesci a uscire, vedi se riesci a uscire. Ero la più piccola. Le trecce castano chiaro e gli occhi scuri, tutti i capelli mi erano caduti da bambina, ma adesso si intrecciavano luminosi sulle mie spalle. Elisa, la più grande, era alta e così bionda da sembrare di neve, gli occhi azzurri, le labbra piegate in un sorriso muto. Laura era scura come l'ebano, sognava e leggeva tutto il giorno, fantasticava di viaggi sorprendenti e lontani.

Mio padre ci schiacciava, tutti i giorni, ci perseguitava, tutte le notti con le sue grida d'incubo. Mio padre non ci lasciava mai uscire dalla casa.

La casa era bassa, scrostata dal vento salato, rettangolare si apriva sulla scogliera con quattro finestre aperte sul mare. Ci eravamo venuti tre anni prima, alla morte di mia madre. Mio padre era come impazzito, aveva venduto tutto e eravamo partiti pieni di sacchi e valigie, Anna ci accompagnava. Non ricordavo quasi niente di mia madre, solo che rassomigliava tanto a Elisa, alta e chiara, ma lei aveva gli occhi ridenti e la voce squillante. Cantava mentre cucinava e avevamo dei canarini in cucina d'un giallo violento che cantavano con lei. Mia madre amava la montagna, passeggiare nei boschi a raccogliere i funghi, le stelle alpine.

O Mar, O Mar!

«The sea which lies before me as I write glows rather than sparkles in the bland May sunshine. With the tide turning, it leans quietly against the land, almost unflecked by ripples or by foam. Near to the horizon it is a luxurious purple, spotted with regular lines of emerald green. At the horizon it is indigo. »

Iris Murdoch

Tradução de Maria Raquel Andrade

Imensa é a doçura do mar, a profundidade verde da água que se enrola e a suavidade do vento ligeiro que sabe a Primavera. Branca é a areia e gélida, a falésia de terra parda coberta de lírios brancos!

Sentada junto da janela da casa, com os braços cruzados sobre os joelhos, aguardava, numa atitude de escuta. Elisa e Laura, sentadas no chão, liam. Anna vinha todas as manhãs e trazia de comer. Sempre de lenço escuro na cabeça, fazia a limpeza, em silêncio. Anna Lisa, dizia-me, tu és a mais nova e podes fazê-lo por seres a mais pequena. A tua mãe sofreu tanto, teve aquela vida infernal, mas agora, vê se consegues sair, vê se podes! Eu era a mais nova. Tinha cabelo castanho-claro, penteado em tranças. Em menina, o cabelo escorria-me pelas costas, mas agora usava tranças que caíam, luminosas, sobre os ombros. Elisa, a mais velha, era alta e tão loura que parecia feita de neve; os seus olhos eram azúis, os lábios apertados, num sorriso mudo. Laura era escura como ébano. Sonhava e lia todo o dia, imaginava viagens fantásticas, surpreendentes e longínquas.

O meu pai atemorizava-nos. Perturbava-nos todas as noites com os seus gritos diabólicos. Nunca nos deixava sair de casa.

A casa era baixa e rectangular, sacudida pelo vento que vinha impregnado de sal; dava para a penedia e tinha quatro janelas que se abriam para o mar. Tínhamos chegado pela primeira vez ali, havia três anos, depois da morte da minha mãe. O meu pai, como que enlouquecido, vendera tudo. Tínhamos partido, cheios de sacos e de malas. Ana acompanhava-nos. Eu mal me lembrava da minha mãe. Só que se parecia muito com Elisa, alta e branca! Mas ela tinha os olhos luminosos e a voz cantante. Cantava enquanto cozinhava. Tínhamos canários na cozinha, de um amarelo vivo, que cantavam com ela. A minha mãe adorava a montanha, adorava passear nos bosques e colher cogumelos, as flores alpinas.

Mamma avrebbe odiato questa casa, diceva Elisa, le faceva male il mare.

Una sera tornavamo a casa tutti per mano, contente e arrivate alla porta di casa, la porta non si apriva. Era mio padre che da dentro aveva messo una catena per non farci entrare. Urlava che ce ne dovevamo andare, era troppo tardi, eravamo delle assassine, la casa non era più nostra. Mia madre piangeva e supplicava, alla fine ce ne siamo andate. Ricordo la nebbia fredda e la desolazione della città chiusa e della gente nascosta nelle loro case. Dove andiamo, mamma? Che facciamo, mamma? Mia madre ci trascinava, più tardi siamo tornate e ci ha aperto la porta. Adesso era lì freddo e silenzioso nel corridoio buio, fumava. Quella notte mia madre è morta, non sappiamo perché. Nessuno ne ha più parlato, tra di noi a volte sussurriamo il suo nome e lei ritorna a sorriderci, la sua ombra si spande su di noi e ci rassicura. Ma torna sempre di meno, solo guardando Elisa me la ricordo. Abbiamo smesso di andare a scuola, non vediamo più nessuno. Solo una volta siamo riuscite a scappare. Mio padre era fuori e Anna, uscendo, ha lasciato aperta la porticina di dietro.

Venire, correte, è stata Laura ad avvisarci. Mezze nude siamo uscite di fuori, senza scarpe e scapigliate. Ci siamo fermate un attimo sulla scogliera, davanti alla casa. Sotto, profondissimo il mare, la spiaggia era deserta. Poi ridendo e correndo ci siamo precipitate di sotto. Il mare ci intimidiva, da anni non toccavamo la sua acqua ruggente e profonda. Sono stata l'unica a fare il bagno, urlando e schizzando la schiuma dappertutto. Le mie sorelle sono rimaste abbracciate strette sulla riva, guardandomi in silenzio. Siamo risalite poco dopo, smarrite, dove potevamo andare? Siamo rientrate senza dire niente e abbiamo richiuso la porta. La casa era così isolata che per giorni e giorni nessuno ci passava davanti. Di notte si udiva solo il vento, di giorno i gabbiani impazziti.

Una volta dalle finestre è entrato un gattino bianco, gli occhi verdi d'acqua. Gli davamo da mangiare qualcosa e lui faceva le fuse seduto vicino a noi. Elisa gli parlava, gli raccontava delle storie da ridere e il gattino ascoltava attento, inclinando la testa. Per noi era nostro fratello. Ti ricordi, dicevo a Laura, quel giorno che è nato nostro fratello, piangeva, era tutto scuro, mamma ci sorrideva. Ma Laura non ricordava e Elisa si girava dall'altra parte e cullava il gattino tra le braccia, lo copriva dal freddo.

Una notte ci siamo svegliate che mio padre era nella stanza e piangeva. Rantolava quasi, urlando, parlava da solo frasi sconnesse. Abbiamo bussato alla porta, ma non ci apriva. Ricordo ancora la freddezza del ferro della maniglia scura, si girava ma la porta non apriva. Apri, apri, anche noi piangevamo

A mãe teria odiado esta casa, dizia Elisa, o mar fazia-lhe mal.

Uma tarde, regressávamos aí todos, de mãos dadas, serenas, e chegados à porta de casa, reparámos que esta não se abria. O meu pai tinha posto um cadeado do lado de dentro, para não nos deixar entrar. gritava que não podíamos entrar, que era tarde de mais, que éramos assassinas, que a casa já não era nossa. A minha mãe chorava e suplicava e acabámos por não entrar. Recordo o nevoeiro gélido, a desolação da cidade, fechada, e das pessoas, recolhidas nas suas casas. Para onde vamos, mãe? Que vamos fazer, mãe? A minha mãe arrastava-nos consigo. Mais tarde, regressámos e a porta foi-nos aberta. Agora, havia frio e silêncio naquele corredor sombrio, e ele fumava. Naquela noite, a minha mãe morreu, não sabemos porquê. Ninguém mais falou nela. Entre nós, às vezes, sussurramos o seu nome e ela volta a sorrir-nos. A sua sombra estende-se sobre nós e tranquiliza-nos. Mas vem cada vez menos e só quando olho para a Elisa a recordo. Deixámos de ir à escola, deixámos de ver gente. Só uma vez conseguimos sair. O meu pai estava fora e Anna, ao sair, deixou aberta a porta das traseiras...

Venham, corram, foi Laura que nos avisou. Semi-nuas, descalças, desgrenhadas, saímos. Detivemo-nos um momento no rochedo, em frente de casa. Lá em baixo, junto ao mar profundíssimo, a praia estava deserta. Depois, rindo e correndo, precipitámo-nos para a água. Mas o mar intimidava-nos... Há quantos anos não tocávamos a água ruidosa e profunda! Só eu tomei banho, gritando e fazendo esguichar a espuma por toda a parte. As minhas irmãs ficaram abraçadas, à beirinha, olhando para mim, em silêncio. Regressámos pouco depois, perdidas... Onde poderíamos ir? Entrámos em casa, sem dizer nada, e fechámos de novo a porta. A casa era tão isolada que, durante dias e dias, não passava ninguém. De noite, só se ouvia o vento; de dia, as gaivotas enlouquecidas.

Uma vez, entrou pela janela um gatinho branco com olhos verde-água. Dávamos-lhe de comer e logo se punha a ronronar junto de nós. Elisa falava com ele, contava-lhe histórias para rir, e o gatinho prestava atenção, inclinando a cabeça. Para nós era como um irmão. Lembra-te daquele dia em que nasceu o nosso irmão, dizia eu a Laura, ele chorava, estava tão escuro e a mamã sorria-nos. Mas Laura não se lembrava e Elisa andava de um lado para o outro e embalava o gatinho ao colo, protegia-o do frio.

Uma noite, fomos acordadas pelo choro do meu pai, que estava no quarto. Estava quase em estertor, dizia só para ele frases desconexas. Batemos à porta, mas não no-la abria. Lembro-me ainda da frialdade do manípulo escuro de ferro: girava, mas a porta não se abria. Abre! Abre! E nós também chorávamos,

spaventate. Alla fine ha aperto e sembrava un altro, gli occhi rossi di lacrime e vestito come per uscire. Ci ha detto che se ne andava per un tempo, ma che restava Anna e non dovevamo uscire per nessuna ragione. Se no tornava e ci ammazzava a tutte.

Allora Laura ha detto, come hai ammazzato mamma? Si è fermato di scatto e non ha detto più niente, è uscito chiudendo a chiave la porta dietro a lui. Il giorno dopo è arrivata Anna, ha detto che aveva l'ordine di non farci uscire, ma forse una mezz'ora al giorno, la mattina, senza dirlo a mio padre. Ma non potevamo allontanarci. Siamo uscite verso il paese, non ci eravamo mai andate e nessuno ci conosceva. Le case basse e bianche si allineavano lungo la strada, coperte dalla polvere. Erano tutti lì, nella piazza della chiesa, sembrava che ci aspettavano. I vecchi scuri e diritti, i bambini scapigliati e laceri che si fermavano per farci passare.

Torniamo subito a casa, ha detto Elisa e noi le siamo corse dietro incerte, con la testa dolorante girata all'indietro. Mio padre non è più venuto.

Finché siamo uscite un giorno che era quasi l'alba e il cielo si stendeva soffuso da una dolce brezza autunnale. Non si sentiva nessun rumore, anche i gabbiani si erano fermati e ci fissavano immobili dai fili della luce sopra la casa.

Almeno oggi volete farlo un bagno, ho domandato alle mie sorelle ridendo, venite, almeno oggi. Ma sapevamo già tutto, sapevamo quello che dovevamo fare. Siamo scese, ci siamo spogliate sulla sabbia e ci siamo prese per mano. L'acqua era gelata e forte, piena di correnti che facevano rabbrivire le nostre gambe. Si è rinchiusa su di noi, nel frastuono assordante delle onde.

Ritorno qui molte volte, per ricordare. Dopo la nostra morte, mio padre ha abbandonato la casa e adesso è tutto in rovina. Le finestre si aprono desolate e cieche sulla scogliera e dentro le rondini hanno fatto i loro nidi. Ma io vengo lo stesso. Mi siedo fuori, di fronte alla porta, prendo le ginocchia tra le braccia e rimango a guardare il mare. Ripenso alle cose passate, ai profumi e rumori che adesso non sento più. Una volta ho visto passare mio padre, sulla strada che porta al paese. Sembrava diverso, bianco nei capelli e vacillante. Mi è venuta voglia di chiamarlo, ma poi ho sorriso e la mano mi è rimasta sollevata in alto, verso il cielo.

aturdidas. Por fim, abriu e não parecia ele, os olhos congestionados pelas lágrimas e vestido como se para sair. Disse-nos que ia ficar fora algum tempo, mas que a Ana ficava lá e que não devíamos sair de casa fosse por que motivo fosse. Se não, quando voltasse, nos mataria a todas.

Então, Laura disse: Como mataste a mãezinha? Deteve-se, bruscamente, e não disse mais nada. Saiu, fechando a porta à chave. No dia seguinte, chegou Ana, disse que tinha ordens para não nos deixar sair, mas talvez nos deixasse cerca de meia hora por dia, durante a manhã, sem que o meu pai soubesse. Mas não podíamos afastar-nos dali. Fomos até à aldeia, nunca lá tínhamos ido, e ninguém nos conhecia. As casas, baixas, brancas, alinhavam-se ao longo da estrada coberta de poeira. Estavam lá todos, no largo da igreja. Parecia que estavam à nossa espera. Os velhos, direitos, vestidos de preto; as crianças, despenteadas, esfarrapadas, detinham-se para nos deixar passar.

Voltemos para casa, disse Elisa e nós seguimo-la, com a cabeça a doer-nos, indecisas, virando-nos para trás. O meu pai nunca mais voltou.

Até que um dia, saímos, ao romper da aurora. O céu estendia-se, difuso. Soprava uma suave brisa outonal. Não se ouvia o mínimo ruído. Até as gaivotas tinham parado e fixavam-nos, imóveis, nos fios eléctricos que passavam sobre a casa.

Hoje, ao menos, não querem ir ao banho, perguntei às minhas irmãs, a rir. Venham, ao menos hoje. Mas já sabíamos tudo, sabíamos tudo o que devíamos fazer. Saímos, despimo-nos na areia e demo-nos as mãos. A água estava gelada, batida, cheia de correntes que faziam arrepiar as nossas pernas. A água fechou-se sobre nós, no alarido ensurdecido das ondas.

Volto aqui muitas vezes, para recordar. Depois da nossa morte, o meu pai abandonou a casa e agora está tudo em ruínas. As janelas abrem-se, desoladas e indiferentes, sobre a penedia e, dentro, as andorinhas construíram os seus ninhos. Mas eu venho à mesma. Sento-me fora, em frente da porta, os braços cruzados sobre os joelhos e aqui fico, a olhar o mar. Penso e repenso nas coisas passadas, nos perfumes e rumores que agora já não sinto. Uma vez, vi passar o meu pai, na estrada que leva à aldeia. Não parecia o mesmo, de cabelo branco, vacilante. Tive vontade de o chamar, mas, depois, sorri e a mão ficou-me erguida lá em cima, em direcção ao céu.